

## ARQUITETURA E GEOGRAFIA: COMO AS DIFERENTES CIÊNCIAS CONCEITUAM LUGAR

### ARCHITECTURE AND GEOGRAPHY: HOW THE DIFFERENT SCIENCES CONCEPTUALIZE LOCATION

Juliane Stenzinger Bergamim<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é resultado de uma abordagem bibliográfica feita durante o curso de Mestrado em Geografia. Neste objetivou-se esclarecer os conceitos da palavra Lugar, evidenciando principalmente suas semelhanças e/ou diferenças para duas áreas do conhecimento: Geografia e Arquitetura e Urbanismo. Para tanto se buscou retratar a conceituação que cada área dá a este importante termo. Neste sentido foram consultados não somente autores das áreas pesquisadas, mas também importantes filósofos, antropólogos e sociólogos, entendendo que estes têm muito a contribuir com o saber. Com base nas pesquisas verificou-se que as duas áreas entendem o termo Lugar como algo semelhante, onde evidenciam que um Lugar só existe e é dotado de sentimento quando possui relação com o cotidiano das pessoas, ou seja, quando é habitado.

**Palavra-chaves:** Lugar; Arquitetura e Urbanismo; Geografia.

**Abstract:** This article is the result of a bibliographic approach made during the course of Masters in Geography. This study aimed to clarify the word Location concepts, highlighting their similarities and / or differences in two areas of knowledge: Geography and Architecture-Urbanism. For this purpose it sought to portray the concept that each area gives to this important term. Therefore, not only authors surveyed areas were consulted, but also important philosophers, anthropologists and sociologists, understanding that they have a lot to contribute to knowledge. Based on the research it was verified that the two areas understand the term Location as something similar, where they show that a Location just exists and is endowed with feeling when there is a relation with the daily lives of people, in other words, when it is inhabited.

**Keywords:** Location. Architecture-Urbanism. Geography

### Introdução

Várias disciplinas abordam o tema lugar e cada uma o faz de acordo com seu próprio entendimento. Assim há uma interpretação psicológica do conceito, uma arquitetônico-urbanística, uma antropológica, uma geográfica e assim por diante. Com base nestas interpretações já se tornou possível alcançar um considerável acervo de informações sobre

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela FURB; Especialista em Desenvolvimento Regional pela UFPR; Mestranda em Geografia e Geociências pela UFSM. E-mail ju.stenzinger@gmail.com

lugar, principalmente a partir de estudos oriundos de campos como Geografia, Sociologia, Antropologia e Psicologia. Contudo estes são apenas alguns dos campos com os quais o lugar se relaciona. Uma análise no conteúdo de outras disciplinas permite encontrar abordagens até certo ponto incomuns a respeito de lugar, e até mesmo, abordagens que não vêm recebendo das disciplinas mais comumente associadas ao estudo do lugar, a atenção suficientemente aprofundada que a questão exige. É o caso das implicações que áreas como Economia, Administração, Marketing, Direito e até Política podem estabelecer com o conceito de lugar.

Deste modo, este artigo se propõe a analisar o significado da palavra lugar para duas importantes ciências: Arquitetura e Geografia. Neste sentido foram abordados os conceitos utilizados por estas áreas, bem como, o que estas expressam de semelhanças e diferenças quando se referem ao “lugar”. Nesta análise passou-se por alguns períodos da história, sendo que os que tiveram maior relevância para as ciências pesquisadas foram aqui apresentados. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica na qual se obteve a definição dada por diferentes autores, estando estes relacionados ou não a uma das áreas pesquisadas. A opção em buscar como autores de áreas afins vêm o termo lugar para as ciências analisadas se deu com o intuito de enriquecer o trabalho, pois num mundo inter-relacionado não se pode abster-se do conhecimento.

Deste modo, o termo lugar é resgatado na Geografia como conceito fundamental, passando a ser analisado de forma mais abrangente. Segundo Santos (1997) lugar ou lugares são à base da vida em comum, ou seja, constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições e conflitos. Trata-se de um conceito que nos remete a reflexão de nossa relação com o mundo.

Já para a Arquitetura e Urbanismo o conceito de lugar é básico para a fundamentação das disciplinas do curso: lugar é, afinal, um objeto intrínseco da ciência. Já a variabilidade na ênfase com que o conceito vem sendo tratado no desenvolvimento de pesquisas sobre cidade e urbanismo já se torna mais difícil de compreender. Mesmo assim a atenção que é dada ao conceito no ideário da disciplina mostra-se recorrente. De um enfoque eminentemente funcionalista com que foi contemplado durante o auge do período modernista, tudo está a indicar que lugar, atualmente, passa a receber uma merecida perspectiva existencial.

Contudo, a complexidade do espaço social, onde a arquitetura se manifesta, revela-se quando irrompem momentos onde tem parte o imprevisível. Nesse sentido, retomar a categoria geográfica Lugar enquanto ação de natureza tática permite ao mesmo tempo a possibilidade de leitura do urbano enquanto fenômeno multiescalar e a reflexão que aponta para o restabelecimento da cidade enquanto obra.

Mas afinal, o que é o “Lugar” para arquitetura e para a geografia? Esta é a pergunta que buscaremos responder neste artigo, abordando a história e a definição dessa palavra nas diferentes áreas de conhecimento e buscando, ao final, estabelecer uma relação entre ambas. Assim, a busca por este conceito em diferentes áreas do conhecimento, além de contribuir para o saber individual, se justifica pela ausência ou pequeno número de referências bibliográficas que analisam este termo, principalmente quando comparado entre diferentes ciências.

## **Lugar e a Geografia**

Sendo um conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio, o termo Lugar foi relegado a um

plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como, por exemplo: paisagem, espaço, e território. Atualmente Lugar é considerado um conceito fundamental no estudo da geografia e é considerada uma categoria geográfica. Contudo, até ocupar a posição de hoje para esta ciência o termo passou por muitas definições e momentos, sendo os principais apresentados na sequência.

Inicialmente associado à ideia de região, o conceito de lugar foi utilizado por La Blache e Sauer sem que eles, entretanto, aprofundassem a discussão sobre seu significado. Nos anos 1970, por exemplo, lugar era definido por Santos como uma "porção discreta de espaço total", ou ainda como "uma porção da face da terra identificada por um nome" (SANTOS, 1978, p.121).

A partir da década de 70 a chamada Geografia Humanista realizou um esforço de recuperação do conceito associando-o à base filosófica da Fenomenologia e do existencialismo e ainda transformando-o em um de seus conceitos-chave (HOLZER, 1992; 1997, 1999, DUNCAN, 1994).

Nos anos 80 o interesse com relação ao Lugar ultrapassou os limites da Geografia Humanista, passando a interessar também aos geógrafos econômicos que buscaram entender Lugar como uma "especificidade manifestada dentro do contexto de processos gerais" (DUNCAN, 1994, p.442). Enfim, o termo Lugar já foi empregado de muitas formas dentro da ciência geográfica, sendo que cada corrente de pensamento geográfico o definiu de um modo distinto, segundo seus preceitos.

Para a geografia tradicional, a palavra Lugar não constituía um conceito científico, pois era utilizada frequentemente do mesmo modo que no senso comum, ou seja, como sinônimo de localização. Quando utilizada no plural era para fazer referência à variabilidade das combinações de elementos na superfície da Terra e, por conseguinte, ao conjunto de características naturais e humanas que particularizam uma determinada porção da superfície terrestre. Isso ficava visível quando Paul Vidal de La Blache afirmava que "a geografia é a ciência dos lugares, não dos homens" e quando autores como Richard Hartshorne diziam que "os lugares são únicos" (DINIZ FILHO, 2009).

Já para a geografia quantitativa, interessada em estudar a organização espacial, a utilização da palavra Lugar se dava com o sentido de localização, já que os conceitos de organização espacial, região homogênea, região funcional, pólo de crescimento, entre outros do gênero, eram mais apropriados para enfoques de tipo morfológico, isto é, interessados em explicar os padrões de distribuição e de relações espaciais estabelecidos pelos agentes econômicos e sociais (DINIZ FILHO, 2009).

A geografia humanista foi a primeira vertente da geografia a fazer uso da palavra Lugar como um conceito científico. De fato esse foi um dos conceitos fundamentais para os propósitos dessa corrente, interessada em pesquisar as relações subjetivas do homem com o espaço e o ambiente. Os geógrafos humanistas destacam a importância de estudar o cotidiano como forma de compreender os valores e atitudes que as pessoas comuns elaboram a respeito do espaço e do ambiente em que vivem. O conceito de Lugar é apropriado para esse tipo de pesquisa por dizer respeito aos espaços vivenciados pelas pessoas em suas atividades cotidianas de trabalho, lazer, estudo, convivência familiar, etc. Por esse motivo, a geografia humanista define o Lugar como uma forma de experiência humana, um tipo especial de vivência do espaço.

Já a geografia crítica não dá a mesma importância teórica ao conceito de Lugar, pois trabalha principalmente com os conceitos de espaço geográfico e de território. Todavia alguns geógrafos críticos, como Milton Santos, passaram a conferir maior importância teórica ao conceito de Lugar ao longo do tempo. No livro "A natureza do espaço (1996)" por exemplo,

esse autor fala sobre a força do Lugar e o qualifica como um espaço produzido por duas lógicas: a das vivências cotidianas das pessoas e a dos processos econômicos, políticos e sociais que constituem a globalização. Nesse sentido, a abordagem crítica do lugar procura se diferenciar da abordagem humanista na medida em que leva em conta as influências dos processos relacionados à globalização no estudo das vivências que os indivíduos desenvolvem nos lugares. E essa influência é caracterizada por Milton Santos e outros geocríticos, em geral, como impositiva, perversa e estranha aos interesses do lugar.

Por fim, a geografia social tem por objeto o estudo do lugar social e de sua população, como manifestações da formação espaço-social. No entanto, o lugar social não existe efetivamente sem o lugar natural. Ambos se objetivam no espaço geoeconômico, determinação necessária a sua existência no modo de produção. O lugar social não existe sem as populações que são suas outras determinações. Por isso, o lugar social se põe como uma totalidade de relações e formas espaço-sociais que contém a contradição necessidade-liberdade. O espaço da liberdade é o espaço da necessidade consciente que só se objetiva como consciência da liberdade a ser conquistada (SILVA, 1991).

Assim, considerado por muito tempo como um dos conceitos mais problemáticos da Geografia, o Lugar tem se destacado como uma das chaves para a compreensão das tensões do mundo contemporâneo. Articulando, entre outras, as questões relativas à globalização versus individualismo, às visões de tendência marxista versus fenomenológica ou à homogeneização do ambiente versus sua capacidade de singularização, o Lugar tem se apresentado como um conceito capaz de ampliar as possibilidades de entendimento de um mundo que se fragmenta e se unifica em velocidades cada vez maiores.

Para Harvey (1996) o Lugar ao contrário de estar se tornando menos importante, vem adquirindo cada vez mais importância no mundo contemporâneo. Como afirma o autor, o Lugar é uma construção social e deve ser compreendida tanto como uma localização quanto como uma configuração de "permanências" relativamente internamente heterogênea, dialética e dinâmica contida na dinâmica geral de espaço-tempo de processos sócio-ecológicos, ou seja, processos específicos contidos e expressos dentro do processo global. Esta forma de se compreender o Lugar serve de base para diversos estudos geográficos, políticos e econômicos.

A ideia de Lugar, consubstanciada no entendimento de Santos (1994) é assim entendida: consiste da extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário, a partir de duas construções - a configuração territorial e norma, mesmo que efêmera. A estrutura é tão importante quanto à duração do fenômeno. Mas como são as pessoas e os lugares que se globalizam, o espaço se torna único.

Segundo Santos (1986, p.121) "o conceito de lugar nos é imposto antes do conceito de espaço, do ponto de vista teórico e epistemológico, o conceito de espaço precede o conceito de lugar". Milton Santos diz que para conceituar lugar é necessário ter a noção de espaço. O autor ainda traz como exemplo de totalidade, a Sociedade que lhe dá vida. "O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente".

Com a conceituação de espaço dada por Santos (1986) entende-se que o conceito de espaço se insere numa totalidade mais ampla cujas categorias de entendimento para ele são: as estruturas, os processos, as formas e as funções. Tal como no espaço total, no lugar se encontram funções, formas herdeiras do processo e estruturas sociais do presente e também do passado, definindo tempos diferenciados para cada lugar.

Para este autor, o espaço não é o único conceito por vezes confundido com o conceito de lugar. Tem-se ainda, segundo Santos, o conceito de região, que também é utilizado muitas vezes com o mesmo sentido de lugar.

Segundo o autor, a diferença entre lugar e região é hoje menos relevante do que antes. A região pode ser considerada como um lugar sempre que se verifique a regra da unidade e da contiguidade do acontecer histórico. E os lugares - veja o exemplo das grandes cidades - também podem ser regiões, nas quais o tempo empirizado acede como condição de possibilidade e a entidade geográfica como condição de uma espacialização prática, que cria novos limites e solidariedades, sem respeitar as anteriores. Os lugares se definem por sua densidade informacional e por sua densidade comunicacional cuja função os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram, mas não se confundem (SANTOS, 1996).

Santos (1997, p.115) unifica tempo e espaço situando a ideia de evento numa perspectiva geográfica. O evento não é mundial no sentido que não acontece na mesma forma em todos os lugares e ao mesmo tempo. Não acontece no mundo e sim em lugares que estão no mundo. O “(...) lugar é o depósito final, obrigatório, do evento (...) um instante do tempo e um ponto do espaço”. Quer dizer, se não tiver alguma relação com o lugar, não aconteceu ou não existe. Os eventos, acrescenta Santos (p.131), “operam essa ligação entre os lugares e a história em movimento. A região e o lugar definem-se como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente”. O evento, mesmo que tenha a dimensão de global ou da globalização, torna-se real, existe, na concretude de cada lugar.

Massey (2008) faz um raciocínio relacionando o aqui e o agora dos acontecimentos (eventos) com a ideia de lugar enquanto “um encontro de trajetórias”. Para a autora o encontro de trajetórias são também ações, o momento, a forma e a função, são conflitos que marcaram as relações socioespaciais.

Essa ideia de encontro quer também significar a atualidade da dimensão geográfica, das combinações dos elementos naturais e sociais, ou, ainda, que lugar pode ser “(...) a referência que nos permite interligar o cotidiano, a vida concreta, com as demandas do mundo global e trabalhando na interface do humano e do natural, compreender o mundo e a sociedade em que vivemos” (CALLAI, 2009, p.187).

Segundo Callai ao fazer a ligação do lugar com o evento, rompe-se a ideia restrita de lugar e localização apenas. Para esta autora (2000, p.107-109) um lugar é:

A reprodução, num determinado tempo e espaço, do global, do mundo. (...) a todo o momento percebemos a presença do mundo em nossas vidas, no trabalho, na alimentação, no vestuário, na notícia que invade nossa casa e interfere em nosso dia a dia. Neste contexto de relações, cada lugar reage a seu modo aos impactos da globalização e se configura de forma diferenciada. As relações entre os espaços não são lineares. Ao se subordinarem a esta nova lógica, passam a ter um significado que não decorre de suas características internas apenas, mas das relações que estabelecem com outros lugares.

Concordando com Callai (2000), Santos (1986, p. 64) diz que “cada lugar é caracterizado por uma combinação de variáveis quantitativa e qualitativa diferente e de idades igualmente diferentes. A combinação específica dessas variáveis - de estrutura da técnica, de capital e de trabalho é que conferem as diferenças entre os lugares”. O lugar caracteriza-se por ser a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e que cria uma identidade. Para este mesmo autor o Lugar é:

(...)o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1997, p. 258).

Referência pragmática para o autor tem o significado do acontecer prático do mundo, tornando-se real, um real construído na singularidade dos lugares pela paixão humana, pela criatividade e espontaneidade das pessoas, pela cultura popular enquanto resistência à uniformidade dos modos de produzir e consumir, ou de viver. Nessa ideia de resistência pode-se entender a diferença entre os lugares e também de como a modernização inclui, mas também exclui as pessoas de um mesmo lugar.

Para Cavalcanti (2009) o lugar pode ser analisado na perspectiva histórico-dialético, neste sentido, “lugar é considerado no contexto da globalização” (p.140). A globalização existe nos lugares, o que significa também dizer: nas localidades, nas cidades, nas regiões e nos países.

Para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao tratar em Geografia, do conceito dado à categoria Lugar, que ultrapassam a dimensão física e a social, observa:

O lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos afetivos: uma praça onde se brinca desde criança, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. É por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre o homem e o mundo (BRASIL, 1997, p.112).

Assim toma forma o Lugar enquanto momento subversivo, se estabelecendo em diversas escalas; desde o nível macro, aquele da metrópole, onde coletividades buscam restituir ou garantir sua autonomia através de movimentos sociais, até o nível micro, na escala do corpo, que determina o uso dos objetos, reapropriados através de outras formas de usar (SANT’ANNA, 2009).

### **Lugar para Arquitetura e Urbanismo**

Conforme tradicionalmente interpreta o Urbanismo, Lugar é um espaço qualificado, isto é, um espaço que se torna percebido pela população por conter significados profundos, representados por imagens referenciais fortes. Por isso, em sua gênese compõem fatores físicos e psicológicos, que tanto têm a ver com o desenho da configuração morfológica urbana, quanto com o comportamento interativo adotado pelas pessoas na utilização dessas formas (CASTELLO, 1997).

Lugares, segundo definições, são fundamentais para a concretização pela sociedade dos processos psicológico-espaciais que lhe são atribuídos pelo fenômeno urbano – pela vida nas cidades. A esses geralmente se refere como lugares da urbanidade, obviamente entendendo-se por urbanidade, aí, a qualidade vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano ou, complementarmente, pela qualidade que o sistema de espaços públicos das cidades tende a

oferecer a seus usuários através da capacidade de intercâmbio e de comunicação que contêm (CASTELLO, 2000).

Sabe-se que há uma crescente variedade na oferta dos novos lugares urbanos, que se apresentam sob diversas configurações: shoppings, cenários históricos revitalizados, praças de alimentação, locais de entretenimento, complexos esportivos, cinemas, museus, bibliotecas, casas de shows, enfim, lugares que tentam “clonar” certas qualidades encontradas em outros lugares e percebidas como responsáveis pelos atributos gozados por esses lugares (CASTELLO, 2006).

Neste sentido, pode-se dizer que mesmo com o passar dos anos, o conceito de lugar permanece firme a integrar as pautas de discussões da área arquitetônico-urbanística. Entretanto, o conceito parece ter experimentado mudanças tão substanciais nas últimas décadas do século XX, que uma revisitação aos seus preceitos básicos está a suscitar renovado interesse por parte dos pesquisadores urbanos. A aplicação do conceito em projetos urbanos recentes leva inclusive a crer que sua aplicação no desenho das formas urbanas do século XXI está sendo ou ainda será feita de maneira diferenciada, tornando-se necessário, desta forma, um melhor entendimento sobre seu novo papel na configuração da forma urbanística.

Contudo, para os arquitetos estas definições são vistas de forma diferente. Ao se questionarem sobre o que é a Arquitetura estes acabaram por refletir sobre a questão do espaço. Zevi (1996) afirma que as quatro fachadas de um edifício constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a jóia arquitetônica, isto é, o espaço. O autor coloca ainda como o protagonista da arquitetura o espaço, o vazio. Para ele, a arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente deste vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem. A relação entre a Arquitetura e o espaço é retomada também por Coelho Netto (1999), que afirma que a Arquitetura não é somente a organização do espaço, mas também é o ato de criá-lo (REIS-ALVES, 2007).

Desta forma entende-se como relação que o Lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado. O termo habitado, de habitar, neste contexto acrescenta à ideia de espaço um novo elemento, o homem. O espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades (REIS-ALVES, 2007).

Essa relação do espaço com o lugar é também discutida pelo filósofo Tuan (1983), que discursa que o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar, uma vez que as duas categorias não podem ser compreendidas uma sem a outra. Segundo ele, o que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). Acrescenta ainda: “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83). O filósofo Tuan define os lugares como “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983, p. 4).

Mas quando um espaço torna-se lugar? A partir de quando? A resposta a estas perguntas se dá por uma relação de tempo e lugar, explicada novamente pelo filósofo Tuan (1983). Ele faz uma relação entre Tempo e Lugar de três formas distintas: adquirimos afeição a um lugar em função do tempo vivido nele; o lugar seria uma pausa na corrente temporal de um movimento, ou seja, o lugar seria a parada para o descanso, para a procriação e para a defesa; e por último, o lugar seria o tempo tornado visível, isto é, o lugar como lembrança de tempos passados, pertencente à memória.

De modo semelhante, diz o antropólogo (AUGÉ, 1994, p.73): “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. Augé defende a hipótese que a supermodernidade é produtora de não-lugares, e que eles “são diametralmente opostos ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, e pelos meios de transporte – mas também pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados” (AUGÉ, 1994, p.73). Lugares que induzam a um rápido movimento associado a uma não personalização do espaço e do indivíduo seriam para o antropólogo um não-lugar. “O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGÉ, 1994, p.95).

Já o arquiteto Norberg-Schulz (1996) busca na filosofia grega uma reflexão sobre o conceito de lugar (para os gregos cada lugar era regido por um deus, *genius loci*, ou o espírito do lugar). Os homens, a princípio, não conceberam os deuses como divindades zeladoras de toda a raça humana, pelo contrário, acreditavam que cada divindade pertencesse a um determinado povo e localidade. Nas religiões que vinculam o povo firmemente ao lugar, as divindades parecem ter em comum as características do lugar, conferindo a sua personalidade a este.

O arquiteto afirma ainda que o lugar é mais do que uma localização geográfica, ou seja, mais do que um simples espaço. O lugar é a concreta manifestação do habitar humano. Norberg-Schulz (1996) conclui que a estrutura de um Lugar, seja ele natural ou construído, é composta por duas categorias: o espaço (terra) e o caráter (céu), que sendo analisadas pela percepção e pelo simbolismo permitirão o suporte existencial, ou seja, a capacidade de habitar, ao homem.

Deste modo, o arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz conceitua lugar de modo a considerá-lo como algo mais do que uma mera localização espacial:

Sendo totalidades qualitativas de natureza complexa, os lugares não podem ser descritos por meio de conceitos analíticos “científicos”. Por princípio, a ciência se abstrai de dados para poder alcançar a neutralidade de um conhecimento “objetivo”. O que se perde com isso, entretanto, é o cotidiano, que deveria ser o real objeto de preocupação do ser humano, em geral, e, de arquitetos e planejadores, em particular. Felizmente, há uma saída para o impasse, qual seja, o método conhecido como fenomenologia. (NORBERG-SCHULZ, 1996, p. 415, tradução nossa).

Sendo assim, parece previsível que a incorporação de tais lugares ao cotidiano das populações urbanas seja desejável: com ela poderiam ser atendidas as aspirações da população em relação àquelas características da vida urbana entendidas como produtoras de “urbanidade”. Outros autores também se referem a fatos do cotidiano ligados a definição de Lugar, tendo destaque os seguintes:

Para Lynch (1982, p.142) “um bom lugar é aquele que, de um certo modo, apropriado a uma pessoa e a sua cultura, a torna consciente de sua comunidade, de seu passado, da trama da vida, e do universo de tempo e espaço na qual está contida” (tradução nossa). Já para Stephen Carr, os lugares ou os espaços urbanos com significado seriam:

(...)aqueles que permitem às pessoas fazer fortes conexões entre o lugar, suas vidas pessoais, e o mundo a seu redor. Eles se relacionam com o contexto físico e social.

Essas conexões podem se dar em relação à cultura ou à história relevantes da pessoa, a suas realidades biológicas e psicológicas(...) (CARR et al., 1995, p. 20, tradução nossa).

Para o arquiteto Aldo Rossi, o significado de lugar reside não em sua função, mas nas memórias a ele associadas e em suas relações com outros fenômenos.

A precisão do lócus como um facto (sic) singular determinado pelo espaço e pelo tempo, pela sua dimensão topográfica e pela sua forma (...), pela sua memória. (...) obrigam a brevemente nos determos sobre o estudo das relações entre o lugar e o homem; a ver, por consequência (sic), as relações com a ecologia e a psicologia (ROSSI, 1977, p. 143).

Contudo é bem frequente encontrar críticos do mundo cultural que censuram com alguma veemência essas manifestações da sociedade contemporânea, repetindo que os lugares assim criados são inautênticos e artificiais. Todavia, não é o que parece se passar com o grosso da população. Aparentemente, o dia-a-dia da realidade urbana está a mostrar que é cada vez mais frequente encontrar pessoas de todas as camadas sociais desfrutando prazerosamente de suas experiências de vida nos novos lugares oferecidos nas cidades contemporâneas, afastando qualquer ideia de unanimidade que se possa ter em relação a sua rejeição popular. Os parques temáticos proliferam, os shoppings são já as novas pracinhas de convívio e de urbanidade das cidades.

Se na antiguidade o lócus dessa contradição materializava-se na espacialidade da ágora ou da praça de mercado, atualmente ela se realiza, se torna concreta, nos centros ou núcleos históricos, regiões institucionalizadas e delimitadas como tais, correspondentes ou não às áreas centrais metropolitanas. Tais centralidades são, ao mesmo tempo, lugar de consumo e consumo do lugar, o que transparece de forma explícita nos inúmeros programas de renovação, reabilitação e requalificação de áreas consideradas como “degradadas” (SANT’ANNA 2009).

Para Zukin (1996) os espaços antigos, agora renovados, são “espaços liminares” (p. 205), marcados por uma ambiguidade presente na maneira pela qual tais lugares são apropriados. Ainda para a mesma autora a ideia de “lugar” está associada à delimitação sócio-espacial comunitária. Assim cada comunidade define um lugar, o seu lugar próprio com uma perspectiva única, com seus limites espaciais mais ou menos definidos, sua cultura, seus hábitos, modos de vida e relações comunitárias.

De fato, repensar o conceito e lugar – ou a crise experimentada pelo conceito ao longo do Modernismo – é de extrema pertinência para o reequilíbrio dos fundamentos teóricos da área, porque dessa forma, poder-se-á chegar a uma desejada oxigenação às concepções que o ideário de nossa área atribui a lugar. Pode-se dizer ainda que uma das principais fontes de mudanças nas bases do conceito de lugar se deve às tentativas de resposta que a área buscou dar em relação à hegemonia do ideário modernista.

Deste modo, a erosão da localidade, da comunidade baseada no lugar, é feita pela imposição de perspectivas múltiplas, pelas forças do mercado, que passam a constituir uma paisagem. Nos centros de muitas metrópoles, tal processo acontece sob a reconstrução e imposição de imagens do próprio vernáculo, ou seja, uma espacialidade inteiramente nova, pensada por empreendedores imobiliários, burocratas e técnicos, que é idealizada e construída utilizando os símbolos e formas que antes eram característicos do lugar (SANT’ANNA,

2009). Deste modo, o lugar se refere a uma relação entre elementos que definem equilibrada e harmonicamente um determinado campo, correspondendo aos objetos produzidos pela técnica, tais como as praças, calçadas, entre outros.

É possível aceitar-se, que por trás da identificação de um lugar encontra-se presente todo um processo de valoração do espaço, que pode muito bem ser atribuído à percepção que as pessoas têm (ou que virão adquirir) a respeito desse espaço. Mas, e o que fornece as bases para que essa percepção se desenvolva? É a presença de estímulos ambientais? Estímulos das mais diversas naturezas, emitidos a partir de fatos ambientais que guardam relação não só com a natureza objetiva e material dos elementos do ambiente, como igualmente com sua natureza subjetiva – imaterial e imponderável (CASTELLO, 2006).

É sabido que a área de Arquitetura e Urbanismo estão sediados junto às Ciências Sociais Aplicadas, que tratam precisamente do exercício da vida humana em suas relações com outros seres humanos no espaço: estudam a vida social, a estrutura e a organização da sociedade e as relações entre a sociedade e o espaço que por ela é usado para o exercício das diferentes atividades que realiza (CASTELLO, 2006). Desta forma, Fainstein (2001), da área do Planejamento Urbano e Regional, oferece uma visão abrangente de lugar ao associar o conceito a uma diversidade de fatores nos quais convergem aspectos básicos das ciências sociais aplicadas:

Lugar é um componente crucial do bem-estar humano por diversas razões: (1) Fornece a base para uma congregação de pessoas; (2) é um local de consumo e de desenvolvimento econômico; (3) é o lócus da representação política; (4) é a arena aonde as políticas públicas atuam sobre as pessoas (FAINSTEIN 2001, p.202, tradução nossa).

John Hannigan (1998) traz da Sociologia Urbana o entendimento de que os lugares da fantasia – como os denomina – são intensos geradores de sociabilização entre os cidadãos. E que mesmo junto à sua aparente máscara de seletividade, tais lugares são permeáveis a uma apropriação pública generalizada (CASTELLO, 2006). Também da Sociologia, Zukin (1991; 1996) reforça o relativo ajuste que se deve conceder ao conceito de espaços públicos e privados nas cidades de hoje. Muitos desses espaços, embora legalmente privados, mostram-se crescentemente percebidos como espaços públicos de fato, o que possibilitaria sua apropriação como lugar.

Neste sentido é ainda cada vez mais frequente encontrar-se as pessoas conferindo o status de lugar a um espaço urbano, independentemente do fato de esse espaço ser de domínio privado ou público. O fenômeno se dá como se estivéssemos frente a uma espécie de reação ecológica, por meio da qual, a sociedade continua a criar suas práticas cotidianas e a atualizar suas tradições, mesmo que elas incluam a transgressão de adotar o uso público de lugares não-públicos.

Engendra-se, com isto, um processo inventivo que alça novos critérios a considerar na gênese de lugares urbanos. Os cidadãos ‘apropriam-se’ de espaços privados, originalmente criados, com o fim de estimular percepções de modernidade, de consumo, de multifuncionalidade, passando a percebê-los como se fossem de domínio público. Com isto, atribuem-lhes uma inesperada percepção de urbanidade, mas de uma urbanidade recheada de heterotopia, ensejada via consumismo, gerada dentro das linhas do urbanismo comercial mais livre e solto. Como disse Castello (2003, s. p):

O lugar projetado pelos arquitetos necessita atender a toda uma gama de novas pautas existenciais que caracterizam um novo *modus vivendi* típico da sociedade da virada do terceiro milênio, cujo espectro é amplo e inclui pautas de comportamento, de gestão urbana, de ética e estética, de urbanização globalizada, de práticas econômicas, de sustentabilidade ambiental e, sobretudo, de filosofia existencial.

Contudo, esta visão dos espaços não foi sempre assim. No período Modernista, por exemplo, os lugares seriam aqueles espaços urbanos cuidadosamente localizados, quantificados e definidos, destinados basicamente ao desempenho de funções de cunho social, ou seja, eram espaços nos quais as pessoas iriam se encontrar e realizar seus contatos sociais, esperando-se que, nesse exercício, fossem sociabilizar comunitariamente em seus relacionamentos interpessoais. Lugares, numa visão como essa, não seriam mais do que áreas funcionais destinadas ao exercício da sociabilização, isto é, áreas destinadas a funcionar como espaços de convívio (CASTELLO, 2006).

Com base nesta experiência surgem então os desenhos dos centros de convívio, dos “lugares” de encontro onde se deve dar a inter-relação dos moradores. Os lugares devem, deste modo, ser espaços que conduzam a população a realizar as funções previstas pelo ideário modernista como sendo úteis para o funcionamento das cidades, preferencialmente, as das oportunidades que as cidades devem oferecer para o desenvolvimento das relações interpessoais.

Embora reconhecendo implicitamente que os lugares projetados no âmbito do Urbanismo Modernista estavam extremamente bem definidos em termos técnicos, passa a perceber que é o funcionamento desses lugares, como locais de conagração urbano, que está concretamente deixando a desejar, pois o projeto de lugar não estaria se traduzindo por uma eficaz materialização de lugar, e ainda, não estaria alcançando a tão almejada geração de “sociabilidade” que os lugares deveriam promover, segundo os ideários modernistas.

Por tudo isso surge novas preocupações trazidas por aportes originários de outros campos disciplinares, além daqueles próprios da Arquitetura e Urbanismo. Esses, por sua vez, ajudam a trazer contribuições à explicação de como os novos lugares estão hoje sendo gerados e apropriados por seus usuários – lugares novos que refletem, seguramente, a ocorrência de alterações no processo responsável por sua gênese – lugares dos quais se pode, até mesmo, contemplar como sendo lugares geneticamente modificados (CASTELLO, 2006).

Assim, a definição de lugar, podendo ou não estar estabelecida como oposta à de espaço, tem sido continuamente submetida, em vários campos disciplinares, a uma análise minuciosa, abarcando sua multiplicidade semântica e a diversidade de interpretações teóricas a seu respeito. No campo da arquitetura e urbanismo, os estudos que se fundamentam na definição de lugar se baseiam nesta multidisciplinaridade, tendo os trabalhos clássicos de diferentes autores, tanto arquitetos como outros profissionais, como por exemplo, de Yi-Fu Tuan, Christian Norberg-Schultz, Gaston Bachelard e Martin Heidegger como referências recorrentes (SANT’ANNA, 2009).

## Conclusão

Entender os conceitos de lugar entre diferentes áreas do conhecimento é um desafio que busca descobrir semelhanças e/ou diferenças no modo de pensar de distintas ciências e, conseqüentemente, de pessoas.

Cada indivíduo, na sua liberdade de pensamento, pode buscar entender e conceituar algo conforme seu ponto de vista. Foi exatamente isso que este artigo se propôs, buscar como a área de Arquitetura e Urbanismo, oriunda das ciências sociais aplicadas e exatas se refere a um termo tão importante e profundamente discutido dentro da área da Geografia, oriunda das ciências humanas.

A busca da compreensão de conceitos como globalização, singularidade, identidade, internidade, externidade, simbolismo, progresso, subjetividade, interconectividade, comum as duas áreas aqui estudadas, apresenta-se paralela àquela em direção à compreensão do lugar.

Se para arquitetura Lugar é um espaço qualificado, que se torna percebido pela população por conter significados profundos, expressos substancialmente através de imagens, e ainda quando se trata da arquitetura urbana, expresso por toda uma simbologia social através das formas urbanas representadas por uma iconografia percebida como que traduzindo os significados coletivos da sociedade que a originou, para a geografia, Lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições e conflitos, que são à base da vida em comum, do cotidiano. Trata-se de um conceito que nos remete a reflexão de nossa relação com o mundo.

Desta forma, ressaltando as particularidades e os momentos vividos por cada área, pode-se afirmar que as duas ciências conceituam de forma equivalente a palavra lugar, pois se para uma Lugar é o espaço percebido pela população e para a outra é o espaço onde as pessoas desenvolvem a vida comum, o cotidiano, essas duas ciências entendem o espaço habitado, percebido e que traz referências para as pessoas, como Lugar.

Casey (1998, p.286, tradução nossa) contribui com esta afirmação dizendo que “o lugar é sempre existencial, ele é nossa interação com onde estamos, é nossa correlação conosco, (...) de modo que se possa finalmente encontrá-lo, encontrando então nossos ‘selves’ que são inescapavelmente ‘lugarizados’”. É ainda do mesmo filósofo uma reflexão que parece acomodar confortavelmente muitos dos fenômenos presentes nos lugares atuais. Casey observa o lugar como algo eventual, em transformação. “(...) eventual, algo em processamento, não confinável a uma coisa ou a uma simples localização (...). A primazia de lugar não é aquela do lugar, muito menos deste lugar ou de um lugar – mas, sim a de ser um evento que é capaz de lugarizar coisas” (CASEY, 1998, p. 337, tradução nossa).

Baseado nas afirmações do filósofo entende-se que tanto para a arquitetura, como para a geografia, o conceito de Lugar se faz semelhante, pois em ambas as ciências Lugar é entendido como um espaço que nos identifica com algo, ou que é criado para nos fazer vivenciar determinada história, enfim, é um lugar onde sentimos aconchego ou que nos desperta um referencial. Como disse o arquiteto Norberg-Schulz (1996, s.p) “o lugar é uma concreta manifestação do habitar humano e o espaço só se torna um lugar no momento em que ele é ocupado pelo homem, física ou simbolicamente”.

Mesmo o termo Lugar sendo utilizado de forma trivial no cotidiano, como por exemplo, para referir-se ao um determinado espaço, este tem seus conceitos bem definidos para as duas ciências analisadas. Para a Geografia é utilizado como uma categoria geográfica, que define termos técnicos da ciência. Já para a Arquitetura e Urbanismo é um conceito que busca atribuir emoção ao que se projeta, ou seja, é, como já mencionado, a ligação emotiva que se tem com um espaço, a sensação que determinado lugar causa na pessoa.

Deste modo, tendo ou não relação com uma região ou com um espaço, compreender o Lugar é compreender uma relação possível entre questões políticas e econômicas, e ainda, entre teias de significações e vivências expressas localmente, sem perder-se de vista suas relações estruturais globais ou as novas relações espaciais determinadas por um mundo em constante mutação.

O mundo, na Era da Informação e das Redes, está totalmente globalizado. Mas essa globalização, por meio das questões que são globais, se concretiza em diversos lugares, em cada lugar em especial, e ainda, em lugares com diferentes formas de apresentação. O conceito de lugar, sobre o ponto de vista operacional em Geografia e também da Arquitetura, deste modo, pode ser considerado a partir de um cotidiano.

É exatamente esta essência constantemente em movimento, esta capacidade de responder aos estímulos internos e externos com diferentes velocidades. Esta qualidade da permanência (material, afetiva e simbólica) associada à permeabilidade a processos internos e influenciadores de sua modificação (material, afetiva e simbólica) que faz com que o lugar seja um permanente desafio a sua compreensão e a compreensão do mundo.

Enfim, o Lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência. Daí a força do Lugar no contexto atual da Geografia e de tantas outras áreas do conhecimento, como a Arquitetura.

## Referências

AUGÉ, M. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3. ed., Coleção Travessia do século. Campinas, Papirus, 1994.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEC, 1997. p.12.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre. Editora da UFRGS; Associações de Geógrafos Brasileiros. Secção Porto Alegre, 2000. P. 57-63.

CARR, S. et. al. Public Space. **Environment and Behavior Series** (Editores: David Stokols; Irwin Altman). Publicado originalmente em 1992. 2ª ed. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1995.

CASEY, E. S. **The Fate of Place**. A Philosophical Story. Berkeley, CA: University of California Press, 1998.

CASTELLO, L. A Memória das Cidades e a Revitalização do Velho Centro. In: **Novos Recortes Territoriais, Novos Sujeitos Sociais: Desafios Ao Planejamento**. VII Encontro Nacional da ANPUR. Recife, PE: ANPUR, 1997, p.524-539.

\_\_\_\_\_. Revitalização de Áreas Centrais e a Percepção dos Elementos da Memória. In: **Hands Across the Hemisphere**. LASA 2000. XXII International Congress. Miami, EUA: Latin American Studies Association, 2000.

\_\_\_\_\_. **Há Lugar para o Lugar na Cidade do Século XXI?** In: Simpósio: "A cidade nas Américas. Perspectivas da forma urbanística no século XXI". 51º Congresso Internacional de Americanistas, "Repensando las Américas en los Umbrales del Siglo XXI". Julho de 2003.

\_\_\_\_\_. **O Lugar Geneticamente Modificado.** **ArqTexto 9.** Porto Alegre, 2006. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_9/9\\_Lineu%20Castello.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_9/9_Lineu%20Castello.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2011.

CAVALCANTI, L. A educação geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino da Geografia. In: Pereira, Marcelo Garrida (ed). **La Espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo.** 1. Ed. Santiago do Chile: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009, p.135-151.

DINIZ FILHO, L. L. **Fundamentos epistemológicos da geografia.** Curitiba: IBPEX, 2009.

DUNCAN, J. **Place.** In: JOHNSTON, R. J. et al. *The dictionary of human geography,* Oxford. Blackwell Publishers, 1994.

FAINSTEIN, S. **The City Builders.** Property Development in New York and London, 1980-2000. (Publicado originalmente com o título *The City Builders: Property, Politics, and Planning in London and New York.* Oxford, Reino Unido/Cambridge, MA: Blackwell, 1994). 2ª ed. Lawrence, Kansas: The University Press of Kansas, 2001.

HANNIGAN, J. **Fantasy City.** Pleasure and Profit in the Postmodern Metropolis. Londres: Routledge, 1998.

HARVEY, D. **From space to place and back again.** In: *Justice, nature and the geography of difference.* Oxford: Blackwell, 291-326, 1996.

HOLZER, W. **A Geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990.** Orientador: Maurício de Almeida Abreu. Rio de Janeiro UFRJ - IPPGG. 550p. Dissertação (Mestrado em Geografia), 1992.

\_\_\_\_\_. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** *Território*, 2(3), 77-85, 1997.

\_\_\_\_\_. **O lugar na geografia humanista.** *Território*, 4(7), 67-78, 1999.

LYNCH, K. **A Theory of Good City Form.** Cambridge, MA: The M.I.T. Press, 1982.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NORBERG-SCHULTZ, C. **The Phenomenon of Place** (Publicado originalmente em *Architectural Association Quarterly* 8, No.4, 1976). Transcrito em NESBITT, K. (Ed.). *Theorizing a New Agenda for Architecture. An Anthology of Architectural Theory 1965-1995.* Nova York: Princeton Architectural Press, 1996, p. 414-428.

REIS-ALVES, L. A. O conceito de lugar. **Arquitextos**, São Paulo, 08.087, Vitruvius, ago 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. Lisboa: Cosmos, 1977.

SANT'ANNA, M. V. Outras centralidades, outros territórios: repensando a ideia de lugar. **Contemporâneos**. Revista de Artes e Humanidades. N.4, mai-out. 2009. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n4/pdf/outrascentralidades.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2011.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova - da critica da geografia a uma geografia critica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. et al. (orgs.) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec. 1994.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo. Hucitec, 1997.

SILVA, A. C. **Geografia e lugar social**. São Paulo: Contexto, 1991.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. Tradução: Maria Isabel Gaspar e Gaëtan Martins de Oliveira. 5ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ZUKIN, S. **Landscapes of Power: From Detroit to Disney World**. Berkeley: University of California Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Paisagens Urbanas Pós-Modernas: Mapeando Cultura e Poder**. Tradução: Silvana Rubino. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidadania. Nº 24, 1996, p. 205-219.